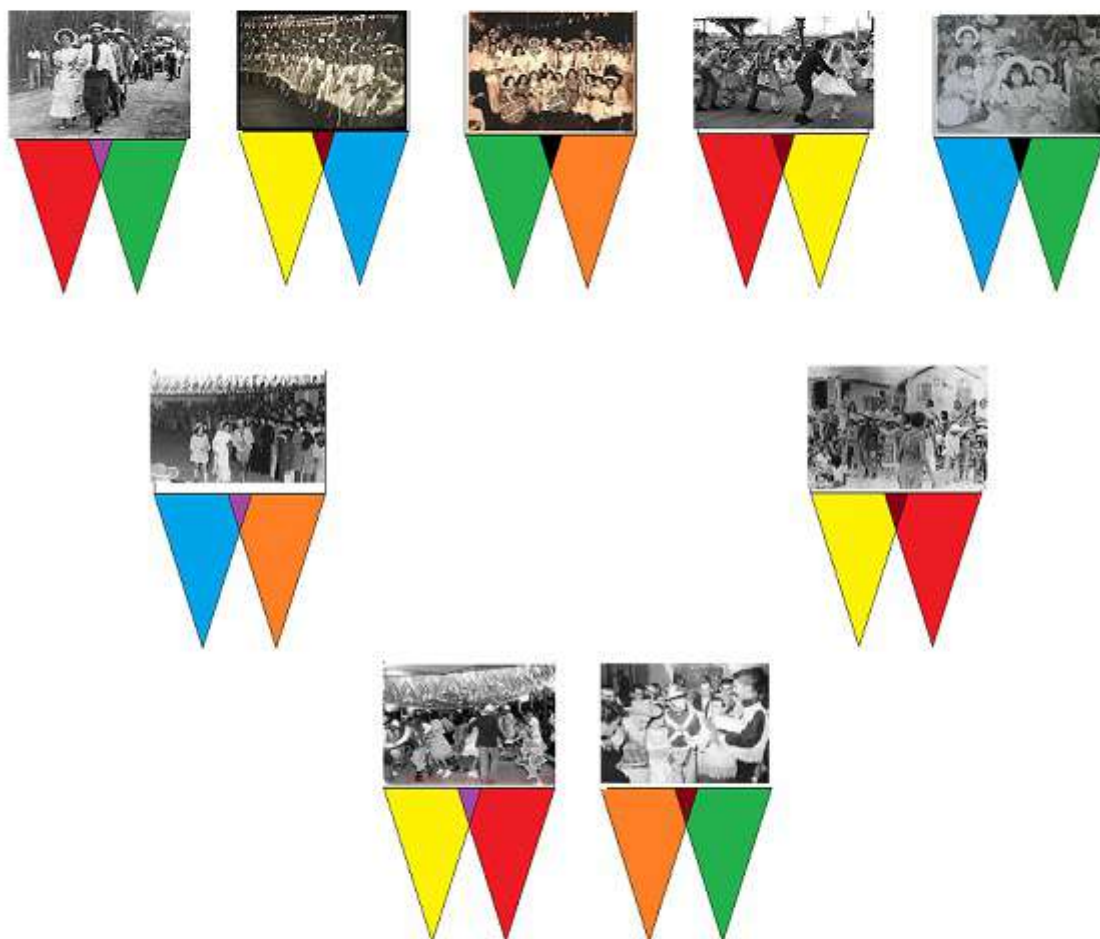


Revista Sarau Subúrbio

JUNHO 2018 - ANO 01 #03



Subúrbio é noite de São João !



EXPEDIENTE

Edição: Ano 01 - Nº 3 - Junho de 2018

Periodicidade da publicação: mensal

Idioma: Português (Brasil)

Editores: Marcelo Bizar e Marco Trindade

Conselho editorial: Marcelo Bizar, Marco Trindade, Sônia Elã, Kátia Botelho

Secretária-geral: Sônia Elã

Revisão: a revisão dos textos é feita pelo próprio autor, não sofrendo qualquer alteração pela revista.

Diagramação: Marcelo Bizar

Imagens: todas as imagens não creditadas foram retiradas da Internet, tendo optado o Conselho Editorial da revista por não identificar seus autores quando desconhecidos.

Contato: sarausuburbio@gmail.com, <https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>.

Distribuição: A distribuição da Revista Sarau Subúrbio é online através do sítio da revista: <https://sarausuburbio.wixsite.com/revista>, e das plataformas digitais de publicação: ISSUU, Calaméo, Sapoblogs JOOMAG, FlipHTML5 e Recanto das Letras. Os áudios e vídeos criados para as edições da revista tem seus links armazenados em plataformas digitais da Internet (tais como Facebook, Youtube e Soun Cloud) e podem ser acessados diretamente ou através dos respectivos links divulgados.

Capa: arte sobre fotos da Internet (arte: Marcelo Bizar).

Notas importantes:

A Revista Sarau Subúrbio é uma publicação totalmente gratuita, sem fins lucrativos. Não contamos com patrocínio de qualquer natureza. Sua periodicidade é mensal e sua distribuição é eletrônica, em formato PDF, através de plataformas digitais gratuitamente.

Nosso objetivo, em linhas gerais, é servir de instrumento para que os artistas que não possuem espaço de divulgação nas mídias tradicionais possam apresentar seus trabalhos, nas mais variadas formas, seja na literatura, na música, no cinema, no teatro ou quaisquer outras vertentes artísticas, sempre de forma livre e independente.

Todos os direitos autorais estão reservados aos respectivos escritores que cederam seus textos apenas para divulgação através da Revista Sarau Subúrbio de forma gratuita.

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos e colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



EDITORIAL

A Revista Sarau Subúrbio chega em sua terceira edição com bastante fôlego, embalada pelo lirismo pujante das festas juninas.

Tem-se a impressão de que o subúrbio é mais subúrbio nas noites de São João. A festa embora essencialmente identificada com o campo, com a zona rural, encontra abrigo nas zonas periféricas de nossa cidade, devido ao forte apelo popular que concentra em si.

Seja nas famosas festinhas de rua, seja nas quermesses das igrejas, nos clubes e associações, nas vilas e prédios, o nosso São João é muito festejado como uma singular manifestação de nossa cultura, destacando-se nessas ocasiões um forte traço comunitário que nos une em torno da mesa farta, recheada de quitutes, da bebida quente para espantar o frio e confraternizar, e da música para que nos reencontremos com as nossas raízes.

O subúrbio precisa resgatar a tradição das festas juninas, porque elas são um mergulho em nossa brasilidade.

Evoquemos o canto de nosso pai espiritual, aquele que nos anima e acalenta em todas as noites de junho.

Gonzagão vive no São João dos nossos sonhos!

NOITES BRASILEIRAS

(Luiz Gonzaga/Zé Dantas)

Ai que saudades que eu sinto
Das noites de São João
Das noites tão brasileiras na
fogueira
Sob o luar do sertão

Meninos brincando de roda
Velhos soltando balão
Moços em volta à fogueira
Brincando com o coração
Eita, São João dos meus sonhos

SÃO JOÃO ANTIGO

(Luiz Gonzaga/Zé Dantas)

Era festa de alegria
São João!
Tinha tanta poesia
São João!

Tinha mais animação
Mais amor mais emoção
Eu não sei se eu mudei
Ou mudou o São João

Vou passar o mês de Junho
Nas ribeiras do sertão
Onde dizem que a fogueira
Inda aquece o coração
P´ra dizer com alegria
Mas chorando de saudade
Não mudei nem São João
Quem mudou foi a cidade



SUMÁRIO

MUDAR MUDAR MUDAR MUDAR MUDAR

- 02 - Expediente
- 03 - Editorial
- 04 - Sumário
- 05 - "Tá nervoso? Vai pescar!"
- 06 - "Vou ligar pra Polícia, cadê meu botijão de gás?"
- 08- Noite de São João
- 09 - "... o céu é tão lindo e a noite é tão boa"
- 11 - Comida de Pé sujo - Canjica
- 12 - Festa Junina, Vila da Penha, 1993: o "problemático" era o outro !!!
- 14 - Billy Negão: um pobre coração rejeitado
- 16 - Foi um samba que passou em minha vida
- 17 - Homenagens póstumas a Lima Barreto
- 19 - Temposição das Almas Íncubas - parte 2
- 21 - A Boa Trindade
- 22 - 2068 (parte 1)
- 24 - Em breve seremos juninos
- 26 - Um lugar no subúrbio
- 27 - Discoteca suburbana
- 27 - Estante suburbana
- 28 - Sobre Junho
- 30 - Dois por quatro
- 31 - Mulheres de Minas
- 32 - Nós os malucos belezas de Jacarepaguá
- 35 - Festa junina no samba
- 37 - O que é ler?
- 38 - Lançamentos
- 40 - Tem Alemão no São João
- 43 - Méier, um bairro encantador
- 44 - Blog do Tiziu
- 45 - Informação sobre os áudios da revista



Tá nervoso? Vai pescar!

Eu havia conseguido: iria dançar a caipira com a menina mais bonita do Jardim de Infância. A Bruna. Por que a professora me escolhera? Pela compatibilidade na altura? Porque éramos vizinhos? Hoje especulo. Mas, aos seis anos, eu só tinha uma resposta: era o destino!

Eu não tinha calça jeans. Minha mãe improvisou uns remendos em meu macacão - super na moda à época - e colocou uma camisa xadrez por cima. Pintou uma barba em meu rosto e me deixou com um dos dentes podres (ah, os estereótipos, eles nos fazem realmente crer que o povo da roça não tem escova de dente). Deixou cair um chapéu de palha em minha cabeça e me levou até a festa. “Ele está pronto, professora”.

Os colegas se deliciavam com comidas típicas e eu não tinha 1 real pra comer. Tudo bem, o que me importava era a Bruna. A Bruna, aliás, estava linda. Parecia que a mãe tinha arrumado uma boneca. Toda de rosa e branco, com umas pintinhas no rosto – pintinhas que poderiam ser eternas de tão meiga que ficou. Ela parou em minha frente.

Daí eu fiquei gelado e fugi. Um fraco! Andei em círculos pela festa que ocorria na rua, de um lado pro outro. Distraí-me em frente à barraquinha da caip fruit, tentando compreender o porquê de meus irmãos mais velhos endeusarem aquela bebida cremosa que os deixava mais felizes.

Eu estava nervoso. Mas, pior que isso, me sentia um covarde. O que um covarde faz? Baixa a cabeça. E foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, porque, quando olhei para o chão, encontrei um pote de ouro: uma nota de 1 real (início de plano real, aquilo valia ouro).

Engraçado, eu estava faminto, mas todos os caminhos me levaram à barraquinha de pescaria. Fiquei ali com a vara de madeira passeando pela piscina plástica cheia de prendas. Terapêutico! Consegui um urso branco pequeno que cabia na palma da minha mão. Quando saí da barraquinha, me sentindo um pescador selvagem com a prova da minha façanha nas mãos, não havia mais nervosismo. Só havia a voz da professora chamando os alunos do Jardim de Infância: “Vai começar a dança caipira, crianças”.

Eu era um outro homem. Firme e seguro. Entreguei o urso à Bruna. Ganhei um beijo no rosto. Ganhei também um pedaço de bolo de milho. Por fim, ganhei tantas fotografias que deram origem a um álbum escrito “caipira 1996” na capa, onde estamos todos: eu, minha mãe, meus irmãos bêbados de caip fruit (hoje compreendo a alegria deles), minha professora, a barraca de pescaria e a Bruna, que eu não vejo há mais de 20 anos, sorrindo em minha direção.

Jonatan Magella



“Vou ligar pra Polícia, cadê meu botijão de gás?”

O cenário era o início de uma madrugada de segunda-feira numa praça do ermo e temido Parque Colúmbia no Subúrbio Carioca. Quem esbraveja essa frase era um senhor cujo nome nunca soube, e a completou assim “Filho da puta, acordei pra tomar meu café e não tinha gás...”.

É junho, é São João, é tempo de Balão... A frase era dirigida ao seu filho que devido as circunstâncias ficou responsável de garantir o gás para maçaricar o balão que seria solto naquela noite. Bem, ocorre que o vento atrasou em muito a soltura, o que veio a ocorrer só lá para as duas da manhã de segunda-feira e o velho acordou pro café, colocou água na leiteira, riscou o fósforo, o pó já no coador, e cadê o botijão? Rsrtrs...

Só este relato já demonstra o quão suburbano é o balão, e assim uma autêntica expressão cultural, que sabemos ser milenar e mundial, tendo festivais em vários países como China, França, Rússia e no México até o dia da Independência é comemorado com grandes festivais de balão, sendo agora este país acolhedor de um festival internacional, ocorre que desde 1997 essa expressão cultural passou a ser criminalizada no Brasil.

Nossas bancadas são “estouradas” como perigosas “bocas de fumo” ou apartamentos de malas de dinheiro de Ministros do Planalto Central, só que em nossas humildes casas, os papeis – não são papel-moeda – e sim, umas resmas de papel fino, tesouras, tubos de colas e barbantes, tudo comprado com uma vaquinha feita por nós.

A criminalização de nossa arte se dá, acredito por dois motivos centrais e é isto que quero debater nesta edição da Revista – já que daqui a pouco começam os comerciais dizendo que o balão vai explodir a REDUC ou incendiar a Mata Atlântica – como se os Governos e Rede Globo estivessem preocupados com a poluição da Baía de Guanabara ao lado da REDUC ou os incêndios criminosos das madeireiras, o avanço criminoso da fronteira agrícola na Amazônia, tal como, toda a modificação da vegetação original da Barra da Tijuca, Recreio e Vargens na nossa Cidade, por exemplo.

Dito isto, o que quero suscitar é que nossa arte só é criminalizada por dois motivos centrais. 1- a ignorância de todo o processo de confecção, soltura e resgate que envolve o balão. 2- pelo fato da burguesia ainda não ter visto uma forma de se apropriar e lucrar com a nossa exploração.



Sobre o primeiro ponto levantado, é bom dizer que a confecção do balão envolve um conhecimento extremo de física e matemática, por exemplo, física para fazer os moldes e suas formas geométricas, e de matemática digo real pois uma medida errada destrói todo o trabalho, e também uma questão de química.

Eu particularmente não sou bom de cálculo até hoje, porém lembro quando cheguei ao ensino médio, sabia muito bem física e química, a primeira por conta da experiência em oficina mecânica a partir dos 13 anos e química por conta de entender dos gases que são mais leves ou pesados.

Quanto ao resgate, é bom informar que é praticamente impossível um balão grande sem que não exista – vezes até excessivo – número de pessoas embaixo para o resgate, ao ponto que hoje em dia até no mar resgates são realizados e por fim, é possível um conhecimento dos ventos que na mais elementar e rudimentar sabedoria geográfica da humanidade, sem nenhum desastre (tufão, furacão, tornado ou prefeito ciclone) seja possível presumir as rotas dos balões.

Em segundo, a criminalização se dar por preconceito a uma cultura exercida intimamente por suburbanos nesta Cidade. Há uma linha geográfica na Cidade do Rio de Janeiro que as turmas de baloeiros passam a ser encontradas, que é o Méier para o interior da Zona Norte, Oeste e Baixada Fluminense, e do outro lado da poça, a partir do Fonseca seguindo para São Gonçalo.

Neste sentido, é importante salientar que por várias vezes apresentamos ao Poder Público, discutindo desde as Câmaras Municipais de vários Estados do País até o Congresso Nacional, nós baloeiros nunca nos negamos ao debate e ao diálogo.

Prova disso que sem a ajuda de ninguém do Poder Público ou daqueles que defendem nossa criminalização, desenvolvemos o balão sem fogo e apresentamos o projeto em várias esferas de poder, como as supracitadas!

Temos, por exemplo, como registrar nas bocas dos balões (o que já fazemos desde sempre por nos identificarmos em turmas) o nome dos grupos e turmas de balão, criarmos um registro nacional ou regional e com isto assumirmos qualquer responsabilidade civil ou criminal que um balão possa por ventura causar, como tudo aquilo que está sujeito à lei universal da gravidade.

Bem, tudo isto que falei já foi apresentado e o Poder Público continua a nos criminalizar, como outrora criminalizaram a capoeira, o samba, o funk, como censuram ainda a arte que não lhes agradam...

E por fim, ainda nos criminalizam por não terem enxergado uma forma de lucrar com nossa arte, como já fizeram com várias expressões artísticas e culturais que antes criminalizavam e agora lucram absurdamente, dando visibilidade a alguns artistas e a grande parte vivendo no anonimato...

Balão é Arte, é Cultura!

Danilo Firmino



Noite de São João

A lua cheia vai brilhar
A noite inteira
Hoje é noite de São João
Dançar quadrilha, beber quentão
Pra pular a fogueira
Eu vou pegar na sua mão
Pra pular a fogueira
Eu vou pegar na sua mão

Cinco balões rasgam a noite
sobre o mastro de São João
dançando quadrilha os festeiros
fazem passos de baião
as solteiras comem o pão bento
a meia-noite chegou
Você deslizando nos meus olhos
Será fui escolhido pro amor

Vamos subir no altar
Mesmo que seja de bincadeira
Nós vamos nos casar
Pra testemunha chamei
Teu pai e meu irmão
Quem vai cebelar nosso casório
Será Virgulino Lampião

Marcelo Bizar

Gravação caseira e vídeo NOITE DE SÃO JOÃO de Marcelo Bizar
(voz e violão: Marcelo Bizar)



link: <https://youtu.be/BD-ySyZa6k8>



link: <https://youtu.be/BD-ySyZa6k8>



“... o céu é tão lindo e a noite é tão boa”

Nasci no Engenho Novo, bem ali aos pés do Morro do São João, na véspera em que se comemora o dia do Santo. Posso imaginar os céus do subúrbio crivados de balões em meio àquela névoa fria de fumaça e encanto, no exato instante em que eu vim ao mundo.

Talvez por isso, antes da lua e das estrelas, tenham sido os balões os primeiros objetos a criarem em mim uma prática cotidiana, a de viver olhando para o céu todas as noites, especialmente as de junho.

Conta a minha mãe que na semana em que eu cheguei da maternidade, enquanto estava ali postado na sala do apartamento da rua Xisto Baía, um do tipo CAIXA que subia ziguezagueando, de repente, na altura da janela, dispara um daqueles morteiros potentes, e imediatamente uma explosão estremece o prédio, abalando o sossego da vizinhança e me fazendo abrir o maior berreiro. Sem dúvida foi essa minha primeira experiência impactante com os festejos juninos...

Ainda morador do bairro de Piedade, mas residindo no apartamento da rua Bernardino de Campos, começava naquela ocasião a minha relação direta com as festas. São dessa época as mais remotas lembranças, me parece ter sido a primeira vez em que participei de uma pescaria, ganhando até prêmio. Foi no “Arraiá” na Escola da Tia Terezinha, pequena escola do bairro, de uma essência comunitária incrível, lá eu “fiz” o chamado maternal. Desse “Arraiá” me lembro também das bandeirinhas feitas especialmente para a data, dos trajes típicos, do chapéu de palha, do lenço vermelho passando por dentro da caixinha de fósforo, do bigodinho rabiscado no rosto ainda virgem, dos estalinhos crepitando no chão, do vaivém de pessoas, da poeira do chão de terra, das cantigas, “Capelinha de Melão”, “Cai, cai, Balão”. Lembro com nitidez das barraquinhas, uma em especial, aquela em que brincamos de derrubar lata, sou capaz de descrever minuciosamente o pulôver que usavam meu pai e meu avô no instante em que atiravam a surrada bola de tênis em direção às latas.

E foi assim, assim mesmo. Meu imaginário foi sendo povoado desta maneira, toda esta riqueza de alegorias foi tomando o meu espírito, foi preparando a minha alma, forjando a minha infância, até que no início dos anos 90 eu fui morar na Travessa Marta da Rocha, no bairro da Abolição.

Passado aquele período inicial de entrosamento, já com as amizades estabelecidas, me recordo da primeira vez em que desci para brincar na rua, literalmente, ultrapassando num gesto de liberdade os portões do prédio. Foi numa noite de junho, noite de neblina espessa, havia um perfume de mistério, talvez o odor de uma dama-da-noite que ornava a calçada.



De repente, o mistério começava a se descortinar, um dos meus amigos apontou para a casa ao lado do prédio, foi então que eu vi - aquele que era o nosso vizinho pelo lado direito - expondo no quintal, o que hoje pode ser considerado uma espécie de relíquia, peça de museu, era uma engenhosa casinha de madeira, construída especialmente para venda de fogos, cada espaçozinho cuidadosamente pensado. Meu estado de transe foi imediato, pois até então eu lidava com estalinhos e olhe lá. Havia ali um parque de diversões em miniatura: eram árvores de natal, bombinhas, busca-pés, barbantinhos cheirosos, tinha até um tal de “diabinho fumado”, que até hoje eu não sei se foi coisa da imaginação dos meus próprios amigos.

Incontestavelmente esta noite marcou pra sempre a minha vida, a partir dela foi se consolidando em meu espírito uma relação onírica com os fogos. Mais tarde eu iria descobrir o meu amor pelo fogo, não só pelo espetáculo visual, estético, mas pelo calor da chama. Só mais tarde eu iria perceber que havia uma relação de compadrio, de cumplicidade, entre meu olfato e o cheiro da pólvora.

Dentro dessa atmosfera, entre sonho e realidade, existiu espaço também para o silêncio lúdico do balão japonês, presente em toda festa junina que se prezava no subúrbio. Sem dúvida um espetáculo à parte em termos de lirismo, desde a fabricação artesanal de sua bucha, feita de tiras de papel higiênico e cera de vela, até sua luta hercúlea para subir alguns poucos metros, meio sem força, um tanto triste e descompassado.

Com a chegada imperiosa da adolescência o balão japonês vai cedendo espaço para um certo clima alvissareiro de clandestinidade que permeava as disputadas festinhas de rua da Zona Norte, a respeito das quais os mais velhos nos aconselhavam a nunca chegar depois das 22:00h, porque “quem é de família vai embora antes”. Como bons adolescentes jamais seguimos este conselho, e assim vagamos preferencialmente pelo Cachambi – festinha da Praça Avai; pela tradicional e famosa festinha do Sambola, na Abolição, além claro, da festinha da própria rua da Abolição; às vezes também na festinha da rua Djalma Dutra, nossa vizinha em Pilares. Já na festinha da Praça Manet em Del Castilho, devido a uns acontecimentos recorrentes que ouvíamos falar, nunca ousamos circular por aquelas bandas.

É bem verdade que à medida que a infância foi ficando para trás, aquele encantamento foi se perdendo na poeira do tempo, a realidade foi suplantando o sonho, mas uma coisa é certa: basta um disco do Gonzagão na vitrola, “olhar pro céu” e “Vê como ele está lindo”, que tudo volta a ser como antes.

Viva, São João!

Marco Trindade



Nesta edição, nossa tradicional comida di pé sujo cede espaço para uma típica receita de festa junina.

CANJICA



Ingredientes:

- 2 xícaras de açúcar;
- 1/2 quilo de milho para canjica;
- 1 litro de água;
- 1 lata de leite condensado;
- 1 litro de leite;
- 1 vidro pequeno de leite de coco;
- Canela em pau a gosto;
- Cravo a gosto;

Modo de fazer:

Deixe a canjica de molho de um dia para o outro.

No dia seguinte, leve ao fogo em uma panela de pressão com a água, o açúcar, o cravo e a canela.

Deixe cozinhar por uma hora (após pegar pressão) abaixe o fogo para médio.

Tire do fogo, junte o leite condensado, o leite comum, o leite de coco, o coco ralado e mexa bem.

Leve novamente ao fogo e deixe ferver por cerca de 15 minutos.

Opcional: Despeje em uma tigela e sirva polvilhada com canela em pó, paçoca, ou amendoim torrado e moído.

Denise Magalhães



Festa Junina, Vila da Penha, 1993: o "problemático" era o outro !!!

Corria o ano de 1993 e ia se realizar a festa junina na rua Professora Paula Aquiles, paralela à avenida Meriti na Vila da Penha e próxima à fábrica da Standard Eletric e a Praça Aquidauana. O contador da Sul América Seguros e cria de Irajá, Sérgio do Carmo, sua namorada e futura esposa, a professora de História Graça, e o irmão dela, o trabalhador da Light Antônio Carlos Schittinno, decidiram montar uma barraca para o evento. Compraram uma de madeira, deram uma envernizada caprichada na mesma e colocaram um toldo nela.

Para reforçar a equipe, o grupo chamou dois conhecidos, dos tempos em que Graça e Antônio Carlos moravam na Estrada Vicente de Carvalho na altura da Praça Marco Aurélio, antes deles terem mudado para a rua Antônio Storino, em frente ao "pé sujo" Papo de Esquina: Ricardo "Problemático", que era bom de cozinha, e um vizinho do mesmo na rua Ápia, via esta transversal à Praça Marco Aurélio.

Ora, se o Ricardo era a solução para a cozinha da barraca, como ele podia ser "problemático"? Acontece que Ricardo, o cozinheiro em questão, podia ser bom no fogão, mas vivia com o coração pegando fogo pela esposa. E toda a vez que sentia que o seu relacionamento entrava em crise, ele alugava os amigos Sérgio do Carmo, Graça, Antônio Carlos Schittinno e o irmão mais novo dos dois últimos, Luiz Carlos Patropi, entre outros, para desabafar: eram horas e horas, atravessando a madrugada, ouvindo Ricardo desafogar as suas mágoas. De tanto chorar a sua desdita, acabou virando Ricardo "Problemático".

Porém, Ricardo, parodiando a máxima do goleador Dadá Maravilha, nos quatro finais de semana do evento na rua Professora Paula Aquiles, não trouxe a "problemática" e sim a "solucionática": além do prato tradicional nas festas juninas no sudeste, o "vaca atolada", ele inventou de fazer sardinha frita na barraca. Sardinha frita em festa junina, uma iguaria de boteco? Pois, é, acabou dando o maior "pé": o prato saiu que foi uma beleza e a barraca, depois de quatro semanas, ficou até com um pequeno lucro, algo estimulante para Sérgio, Graça e Antônio se animarem. Apesar da ralação, o resultado não foi nada mal para eles, calouros em eventos festivos.



Dito e feito: os três quiseram participar em outras atividades culturais do bairro, mas cadê a barraca? Guardada pelo vizinho de Ricardo "Problemático" na rua Apia, ela sumiu e ele também. Os eventos festivos foram passando e nada da barraca. Na festa junina da rua Paula Aquiles de 1994, apesar da lembrança da sardinha frita que tinha feito tanto sucesso no ano anterior, ela só ficou na saudade. Só meses depois, Sérgio, Graça e Antônio descobriram que a barraca tinha sido vendida. De fato, o "problemático" não era o Ricardo.

Passados alguns anos, tudo foi perdoado: o vizinho de Ricardo "Problemático", velho conhecido da família Schittinno, estava em uma situação difícil e teve que vender a barraca e ficou sem jeito de contar. Já, Ricardo "Problemático" ficou longos anos com a sua "problemática". Por seu lado, Sérgio virou contador do Município, Graça continuou dando aulas e mais aulas e Antônio foi um dos primeiros a serem demitidos, depois da Light ter sido privatizada por FHC.

A sardinha frita? Bom, o prato não ia dar mais as caras nas festas juninas da Vila da Penha, mas ia reaparecer, na vida da família Schittinno, como alimentação preferida do vira-lata Rabugento, que fazia o seu ponto no "pé sujo" Papo de Esquina, em frente à casa deles. Como hábito alimentar original do vira-lata do bar, a sardinha frita acabaria se tornando fonte de inspiração para uma marchinha do poeta Luiz Carlos da Vila, pontapé inicial do Bloco do Rabugento, do qual Sérgio, Graça, Antônio Carlos e Luiz Carlos foram também fundadores, história que já foi contada por este cronista na edição de abril desta revista.

Alex Brasil
Historiador



Billy Negão: um pobre coração rejeitado

Eu conheci um cara num bar lá do Leblon
 Foi se apresentando: "Eu sou Billy Negão.
 A turma da Baixada fala que eu sou durão
 Eu só marco touca é com o coração."

"Bati uma carteira pra pagar o meu pivô.
 Sorri cheio de dentes pro meu amor
 Ela nem ligou, foi me xingando de ladrão.
 Pega ladrão! Pega ladrão!"

"Alguém passava perto e, sem querer, escutou.
 Correu no delegado e me dedurou.
 E logo a rua inteira caiu na minha esteira
 Pois nessa D.P. eu tava a maior sujeira".

E nesse instante eu vi parar o camburão
 E o Billy "sartô" fora com a minha grana na mão.
 Deixou na minha conta um conhaque de alcatrão
 Pega ladrão, pega ladrão!

Billy dançou, dançou, coitado
 Billy dançou, é, foi baleado
 Billy dançou, coitado
 Billy dançou, foi enjaulado
 Foi autuado, enquadrado, condenado
 Um pobre coração rejeitado

(Cazuza, Guto Goffi e Maurício Barros)

Em 1982, surge na cidade do Rio de Janeiro uma banda intitulada como Barão Vermelho. O nome nos parece pretensioso, porém o objetivo, segundo Roberto Frejat, não foi este: Barão, título nobre; Vermelho, socialismo. Quem sabe!?!? O importante aqui é chamar atenção para a criação de uma banda de Rock'n Roll que marcou história no cenário musical com o lançamento do primeiro álbum que traz a música chamada Billy Negão cujo personagem principal será discutido neste texto a partir de uma perspectiva urbana.



Billy, personagem-chave da canção, é uma caricatura, ou melhor, um rascunho mal acabado do malandro carioca da década de 1980. Ele comete pequenos furtos para manter sua subsistência e seus sonhos em meio ao já existente caos social em que a sociedade do Rio de Janeiro se inseria. O malandro na história, isto é, da história rouba para agradar à amada que, por sua vez, o rejeita, deixando nosso Billy à margem da tristeza persistente e infeliz.

O fato de o Billy ter sido enjaulado pela polícia, no caso, preso não diminui sua intenção nobre de conquistar a amada. Dilui-se o delito; enaltece-se o amor. Essa ideia deveria ser aplicada, quem sabe, nas circunstâncias do cotidiano carioca. Haveria menos prisão. Entende-se, então, que ela não o aceita. Tudo bem, Billy! Tanto faz! Billy sai de cena, mas a poesia fica pelos gestos e pelas atitudes de um pobre coração rejeitado.

Leonardo Bruno



COMIDA DI PE SUJO



Dia: 30/06/2018
Horário: a partir das 13:00 horas
Local: Rua Ururai, n° 1506, Honório Gurgel
Em Frente a Igreja de Santa Luzia



FOI UM SAMBA QUE PASSOU EM MINHA VIDA

Na vida de tomos nós que amamos o SAMBA existe aquele em especial que nos marcou. Este é o espaço para os depoimentos apaixonados, compartilhe com os leitores aquele Samba Inesquecível.

Depoimento de Maurício Pereira



link: <https://soundcloud.com/sarau-suburbio/depoimento-de-mauricio-pereira>

Samba citado:

"O segredo das minas do Rei Salomão" (Samba-enredo composto por Dauro Ribeiro, Mário Pedra, Nininha Rossi e Zé Pinto) - 1975 - Acadêmicos do Salgueiro.



Homenagens póstumas a Lima Barreto

Lima Barreto é, sem dúvida, um dos escritores mais importantes da Literatura Brasileira. No entanto, durante a sua sofrida vida, o escritor era de certa forma considerado um literato marginal, já que suas letras se afastavam do preciosismo parnasiano e aproximavam-se de uma linguagem mais informal. Isso lhe rendeu duras críticas, mas também despertou a admiração de muitos. A sua consagração como escritor brasileiro de primeira grandeza só se deu após a sua morte em 1922. Um indício disso foram as inúmeras homenagens que ganhou postumamente, sobretudo pela iniciativa de amigos e do povo do subúrbio carioca, tão aludido por Lima em seus diversos escritos.

Jornais de grande circulação da época, como o Jornal do Brasil e A Noite, noticiaram diversas iniciativas que objetivavam celebrar a memória de Lima Barreto. Logo após a morte do escritor, no decorrer do mês de novembro de 1922, o Conselho Municipal do Rio de Janeiro e o Senado prestaram votos de pesar pela morte de Lima Barreto¹. Além disso, um grupo de amigos do escritor resolveu erigir um mausoléu. Abriu-se uma subscrição pública para arrecadar contribuições para tal construção. No entanto, o máximo que ocorreu, foi a colocação de um medalhão de bronze com o rosto de Lima Barreto sobre o seu túmulo no cemitério São João Batista na década de 1930². Este medalhão foi adquirido pela Sociedade União Commercial Suburbana³ e figura em seu jazigo até os dias atuais.

Ainda na década de 1920, o prefeito do Rio de Janeiro (que ainda era a capital federal na época) homenageou o escritor dando seu nome a uma rua da cidade (no bairro de Piedade). Houve mobilizações para a construção de hermas (bustos) do literato, porém a única de que se tem notícias sobre a inauguração foi a da Ilha do Governador em 1935. Tal herma ainda está de pé neste bairro onde o escritor passou parte de sua adolescência, e foi sugestionada, dentre outros, por Agripino Grieco, outro escritor suburbano e grande amigo de Lima Barreto⁴.

1 A Noite, ed. 3928 de 06/11/1922 e ed. 3944 de 23/11/1922.

2 "Autores e Livros: suplemento literário de A Manhã", ed. 17 de 1943.

3 A Noite, ed. 5936 de 30/05/1928.

4 A Noite, ed. 8318 de 20/01/1935.



Tanto a herma da Ilha quanto o túmulo do escritor foram locais de diversas visitas e homenagens, principalmente nos aniversários de nascimento e morte de Lima Barreto⁵. Em diversas ocasiões, em diversos bairros do subúrbio carioca, eram organizadas conferências e palestras sobre o escritor e sua obra⁶. Em 1953, foi inaugurada a Biblioteca Lima Barreto no posto de subsistência do SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social) em Madureira com as presenças de Carlos Rocha, representando o Ministro do Trabalho, os irmãos Evangelina e Carlindo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa (biógrafo do escritor), os escritores Rubem Braga, Homero Sena, Esze Machado, Antonio Bento e Ademar Vidal, e também do professor Trindade Cruz, presidente do Centro Cultural Lima Barreto⁷.

A biografia de Lima Barreto escrita por Francisco de Assis Barbosa merece um destaque especial, pois foi de extrema importância no processo de consagração definitiva da obra do escritor carioca.

Logicamente, várias outras homenagens ao autor de Clara dos Anjos ocorreram, e isto é objeto de uma deliciosa pesquisa que pode ser feita nos diversos jornais disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira através do site <http://memoria.bn.br>. Fica a dica.

Ana Cristina de Paula



TEMPOSIÇÃO DAS ALMAS INCUBAS - parte 2

Capítulo não-argumentativo I: FESTEJO PRIMOJUNINO

SARASARAU ENTRETIEMPOS FESTEJOS

Introduz vídeos ao capítulo:



link: https://www.youtube.com/watch?v=DEIrBH_YP3I

Hombre Tonto desloca-se suburniamente
 Acasos não vemficam e se vemvão e é assim...
 Na torre mesma de visuras parali e festeja o ato
 Balão-fogueira, bandeira-quentão,
 São santos do povão, brasileiroamente falando o são.
 Uns casamenteiros, outros festeiros e outros llaves de cielos

==> Las utopías generan las mejores danzas!

O choc-chic-cheque da sanfona organiza
 os quadrileiros, o xenhennhém cura as
 catingas e trinc-trinc-trinc triangula no
 riscado da zabumba e é bum-bum-tac, bum-bum-tac, bum-bum-tac-tac...

choc-chic-cheque, xenhennhém, trinc-trinc-trinc
bum-bum-tac, bum-bum-tac, bum-bum-tac-tac...
 choc-chic-cheque, xenhennhém, trinc-trinc-trinc
bum-bum-tac, bum-bum-tac, bum-bum-tac-tac...

E Ana ri, e... olha o caminho da roça... olha a chuva... olha a cobra... Anarriê!

Ana ri e Tonto suburbuna de pressinha e pula a fogueira, come a batata-doce,
 esquentada na brasa da fogueira, faz borbulhar sua bebida no fogo da fogueira
 então se queima soltando fogos.

Realizado batismo de Hombre à fogo, como merecessim um herói-das-gentes!



**"As Almas Íncubas cantavam canções antigas
Cunhadas dos tempos Antemourais,
Línguas esquecidas
antes dos mouros chegarem
no sertão pernambucano"**

Elherói recitou esse pequenino verso do Livro III: "Das Canturas Antestiempestulares", Capítulo XIII: "Das Melonoites e Desarmonias Pré-mourais"...

Pede mais uma cachaça no Bar Rios em Mesquita, num copo de plástico, enquanto se dirige pra pegar o primeiro trem vindo de Japeri rumo à Centralizadora.

Pazuzu Silva



A Boa Trindade

Amigos de longa data
Antônio, João e Pedro
Nasceram no mesmo mês
Convidam todos à alegria
Cada um na sua vez!

Em Antônio vê-se casamento
Moças donzelas juram-lhe promessas
Mas ele por sabedoria
Não age com pressa!

De João se fala bem
Noite longa e de frio
Bandeirinhas, balões, canjica e foguetório
Quadrilhas, só de dança
Delegado apressa o casório!

Pedro, finda o mês
Mas, ainda há o que comemorar
Têm barraca, mio cozido e quentão
Cabra valente pisando em brasa quente
Todos em volta da fogueira, isso é bão!

Silvio Silva



2068 (parte 1)

Liz me chamou as onze horas da manhã , era lá da Escola de Samba , me ofereceram uma grana violenta para comandar a Bateria das Nações no Domingo de Carnaval; Desfile do Grupo super especial...fazer a bateria holográfica na Sapucaí Domingo ou deixar a antiga veia sambística aflorar no Sábado com a Bateria Pioneira, junto com os ritmistas Bambas da ARES Vizinha Faladeira; dessa vez nem a biotecnologia nem meus holosoftwares irão me ajudar a resolver ...É tão Incrível poder estar vivo em 2068; em Maio completo 104 anos e jamais vou esquecer quando a medicina avançou em 2034 e as nanocapsulas de “forever” começaram a ser distribuídas gratuitamente no Rio de Janeiro, que descoberta! Corpo e mente em sintonia com as nossas vontades.

Minha Cidade mudou tanto; a municipalização do País ajudou bastante , hoje temos nossa própria rede , local e ali tudo acontece; todos se conhecem e interagem de acordo com as afinidades culturais , o fortalecimento das políticas públicas para cada cidade foi fundamental para o bem comum ; pego meu navegador e logo percebo que a semana será agitada, é melhor sair logo da caverna e interagir depressa, me adaptei fácil a essa nova tecnologia pois sempre usei Óculos e através deles e comandos de voz as coisas todas acontecem; as vezes sinto que meu Cérebro está mudando, se reinventando.

Se não fosse Liz eu tava ferrado, ela foi o que de melhor me aconteceu, sua voz doce e segura me orienta o tempo todo direcionando as prioridades, virtualidade perfeita do holosoftwares , é com ela que me conecto com a cidade , é com ela que revivo um Grande Amor.

Hoje vai ter gravação do programa “Samba pra você” uma atração na rede de entretenimento local, vou precisar programar os 16 sambas que serão tocados ao vivo , as antigas rodas de samba estão com as bases todas memorizadas nas sambox 5000, hoje o canto dos sambistas pode ser virtualmente acompanhado ao vivo , na palma da mão, tudo acontece na programação prévia de captação da voz que será usada e que já está baseada no perfil que cada cidadão tem na Holofollower; a rede social carioca em que todos somos cadastrados já ao nascer, a “Holo” completa 25 anos esse ano , motivo de muito orgulho do povo carioca, uma das conquistas que finalmente firmou a Paz pra nossa região , onde num passado recente (2039 a 2043) aconteceu a Guerra Muda dentro da Cidade; os assassinatos diários deixaram um saldo de mais ou menos 230 mil mortos; quem estava na marginalidade foi sendo literalmente exterminado com um único tiro da



arma mais letal que o ser humano inventou, a chamada “healingun”; de origem Dinamarquesa e usada inicialmente para apenas causar paralisia acabou sendo aperfeiçoada para se tornar silenciosamente mortal. Os corpos caíam em diversos pontos da Maravilhosa, que assistia aflita um espetáculo funesto de cheiro característico em função das cremações diárias e em série nunca imaginadas, para muitos os números oficiais não retratavam a quantidade real de corpos recolhidos durante todo o dia, de Segunda a Sábado de 9 as 17h, a “Muda” acontecia silenciosamente de Sepetiba ao Centro, dentro dos complexos, nas Zonas Norte e Sul; na contaminada Zona Oeste cenário de Guerras inimagináveis pelo Poder e Controle de Territórios.

Ser Mestre de Bateria nunca foi fácil, e logo Eu um mero ritmista de finais de semana me tornei um MB respeitado no Mundo do Samba carioca, até hoje me surpreendo quando lembro que em 2015 fui convidado para participar de Uma Escola de Samba Virtual através de uma antiga rede chamada “ Face” e ainda usando um telefone celular rrsrsrs...tudo é muito Louco em minha Vida, nascer em um mundo, crescer e conhecer um novo Mundo, me adaptar superar e hoje viver em um HoloMundo já não me assusta, sou uma prova viva de adaptação de uma espécie.

Rodolfo Caruso



Em breve seremos juninos

Pensar, sobretudo, na Copa por uns momentos, só pra fugir do caos político daqui? Negativo. Vem por aí festa junina, pois é, que de uma forma ou de outra faz a gente sorrir e acende lembranças nos veteranos, o que já é um bom negócio.

São João, São Pedro, Santo Antônio não interessam a muitos; a Copa, sim. Quer saber? As duas me interessam, ambas estão ligadas a minha infância. Um São Joãozinho esperto, cá pra nós, não faz mal a ninguém, mexe com o coração brasileiro.

Já estou sentindo cheiro daquele quentão. Não quando antes, quando eu tinha oito, nove anos e não podia provar, mas tinha vontade. Estou imaginando também aquela fogueira que tanto vi de perto e hoje não mais se acende. Como vão acender? Num salão fechado?

Apesar de tudo informatizado, vale a pena olhar pro céu escuro e frio de junho e ver um e outro balões subindo sem a nossa pressa, mansos, mansos, até perderem o fôlego caindo em qualquer onde por aí.

Será que a gente não mais verá um quentão? Vale ver e comer uma canjica da boa, é, vale ter milho verde. Cocada? Tem, tem ainda. E o que é que essa noite junina tem mais? Tem pipoca salgada, pamonha, curau. Tem baiana e Dorival Caymmi também? Bem, o Caymmi agora só pela canção, baiana pode ser que tenha aqui. Paçoca, cachorro quente, o povo daqui gosta muito disso. A cachaça no São João é mesmo o quentão e um vinho quente, bons, muito bons pra rapaziada tomar um tapinha no beijo. Na moral. E está tudo certo.

Vale olhar pras fantasias da garotada, mas não vou ver mais a costeleta de nenhum coroa pronto pra entrar na quadrilha: ele chegava com a roupa de matuto e uma costeleta que mais parecia uma cruz de malta.

Claro que vale olhar a noite e imaginar o velho Braguinha cantando Noites de Junho. Mas eu, sabe, eu queria rever a Rosita, gatona miúda de dez anos que vi numa quadrilha lá perto de casa, no tempo em que ela era feita em grandes quintais. Bonita, aqueles olhos verdinhos, olhos bem aqueles, e um sorriso de dar vontade de beijar e que enchia o rostinho de uma pureza. Eu queria rever aquela menina. Naquele dia fiquei a festa inteira com um olho nas brincadeiras, mas o outro que nunca foi bobo, o outro olho olhava o gracioso do corpinho dela.

Aos dez anos a gente, sacomé, já começa a gostar.



Sim, eu queria revê-la. Hoje ela ainda deve vibrar com esse babado junino, claro, mas aquele rosto belinho carrega as marcas do tempo. Também acho que isto não vai afastar seu entusiasmo. Certamente. O seu sorriso está mais calejado, mas tenho certeza de que não perdeu o seu bonito. Ainda deve guardar um bom tanto daquele entusiasmo de anteontem da infância da gente. Ô vida!

Carlos Augusto Corrêa
Chão de Praça



• Um lugar no subúrbio

Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas

Herança dos nossos amigos nordestinos para a Cidade Maravilhosa. E que herança!

Lá, além de shows e apresentações de forró, estão concentradas todas as delícias gastronômicas do Nordeste, como rapadura, carne de sol, tapioca, guaraná Jesus (a lenda!), diversos tipos de compotas de doce, sucos de frutas que nunca nem ouvi falar, aipim (muito aipim fritinho, deu água na boca só de lembrar), curau, pamonha, ufa! Coisa à beça.

A Feira de São Cristóvão é a opção carioca arretada para comprar, comer e se divertir, pois oferece artesanato, comida, bebida, folclore e muita música. A Feira sintetiza o Nordeste e oferece ao visitante tudo que a região dispõe, exibindo, nas suas quase setecentas barracas, sua riqueza tradicional e proporcionando, ainda, a animação característica da terrinha: Som do Nordeste, forró, xote, baião, xaxado, repente, embolada, martelo, arrasta-pé, maracatu e outros sons bem genuínos.



Para os amantes da cultura nordestina (e nortista), a Feira é um parque de diversões - que, aliás, no sentido literal da expressão, também está presente na entrada com diversos tipos de brinquedos para crianças.

E tem Festa Junina durante todo o mês de junho. Quadrilhas, forró e comidas típicas do festejo é o que não faltam!

* Partes do texto foram retiradas dos sítios:

boadiversão.com.br
catracalivre.com.br

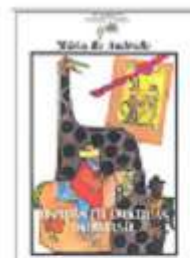


DISCOTECA SUBURBANA



1. Quadrilhas e marchinhas juninas - Luiz Gonzaga
2. Tem Jabaculé - Jackson do Pandeiro e Almira
3. Farrô de todos os tempos - Alceu Valença
4. Elba Ramalho & Marinês

ESTANTE SUBURBANA



1. Festas Juninas (Toni Brandão)
2. Danças Dramáticas do Brasil (Mário de Andrade)
3. Luiz Gonzaga: 100 anos do Eterno Rei do Baião (José Marcelo Leal Barbosa)
4. Da Casa à Praça Pública - a espetacularização das festas juninas no espaço urbano (Janio Roque Barros de Castro): Fruto de uma pesquisa de doutorado defendida na Faculdade da Universidade Federal da Bahia 9UFBA). Acesso livre em: <http://books.scielo.org/id/tqvcj/pdf/castro-9788523211721.pdf>



Sobre Junho

Noite enluarada, friozinho no pescoço.
 E uma vontade danada de dançar e namorar.
 Mês de Junho é isso aí!
 Traz calor ao coração e folia ao sentimento.
 Uma agitação não intencionada.
 Porém sentida e afixada ao peito.
 E os comentários se espalham.
 É Junho e tem festa na Igreja.
 E pra quem quer se casar, pedido não vai faltar:
 -Santo Antonio Padroeiro me conceda um casório!
 -Se acaso o tempo passe e o fato não conteça.
 Sinto muito mas de certo vou lhe por de ponta à cabeça.
 Com parquinho e procissão.
 Bandeirinhas, fogos e balão.
 Pescaria, pinga e quentão.
 A festa cruza a semana até chegar São João!
 Um pedido à fartura e ajuda aos cidadãos.
 Uma novena, uma oração, aos casados proteção...
 E a noite tem fogueira, em homenagem a São João!!
 - corre lá olha o balão!!!!
 Mês de Junho é bem bacana!
 Uma festa em cada esquina, junina ou joanina não importa, tem pedidos.
 Com avós, pais, filhos e filhas.
 Todos muito empolgados, logo mais vai ter quadrilhas!!
 Com o dia ensolarado e a noite céu estrelado.
 Assim segue o mês de junho...
 E não finda sem festejo!!
 As viúvas da Paróquia se agrupam em um lampejo.
 Todas prontas na Igreja.
 Viva o dia de São Pedro!!!!
 Um humilde pescador!



Que da Igreja do Senhor, pode ser o fundador.
E os doze Apóstolos chefiou.
Guardião das portas do céu.
Cultuado pelas viúvas e também os pescadores.
Que em procissão nos mares
O homenageiam com louvores...
É o dia 29 seu dia de adoração.
Pra fechar o mês de Junho com amor e gratidão!!!

Júnior da Prata



Dois por quatro

Não tenho a dureza da pedra,
nem o alto som amplificado da guitarra.
Não tenho o solo country da music interior.
Do jazz, talvez uma pitada, pode ser

Vindo do continente africano,
ele foi arrastado pra cá.
A divisão rítmica é "simples" dois por quatro.
Alguns não conseguem reproduzir com fidelidade.

O meu solo faço em quatro cordas,
talvez oito, mas afinado em quatro notas somente,
com isso consigo extrair as mais lindas harmonias melódicas.

A minha marcação?
Ah! A minha marcação,
no couro ou no violão,
é simples ela segue sincopada com a batida do meu coração.

Lucaco

Web Rádio Viva o Samba - www.radioviaosamba.com



Mulheres de Minas

Conceição Evaristo
Mulher que não dança
Nem canta
Mas que com sua escrevivência
Penetra minh'alma
Floreia meus pensamentos
Acontecimentos da vida
De muitas mulheres pretas
Que conheci
Sua escrita é para o mundo
Mas com a vivência
Das Gerais
Que me faz lembrar
Do fogão de lenha, do bolo
Angu
Como amo Conceição
Sua fala é da minha tia
Mansa, porém firme
Com o Amor de quem cuida
Para a vida, mostra um caminho
Troco afetos, pois sempre
Dialogamos
Tenho sorte, não sou das letras
Mas as letras são minhas
Pois bem jovem descobri
De Madu a Conceição
Os segredos da força motriz
Que vem das Mulheres de Minas..

Márica Lopes



Nós os malucos belezas de Jacarepaguá

Os personagens, histórias e situações são todas reais, apenas os nomes são fictícios.

Conheci a Ângela num boteco da Estrada de Jacarepaguá, de uma forma meio adversa. Era professora de história, uma mulher branca, meio gorda e masculinizada, tez avermelhada, descendente de alemães. Era 1990, dia do jogo Brasil X Argentina, em que perdemos por um a zero. Eu passara a tarde assistindo ao evento esportivo, certo de que o Brasil venceria de goleada, mas o primeiro gol não saía; não saía e acabamos tomando ao final do jogo. Terminada a partida, desci, entrei no bar e pedi uma cerveja. Os comentários não podiam ser outros senão o jogo, e eu tive a infelicidade de dizer que torceria pela Argentina na final. Foi quando a Ângela, que nem sequer me vira antes, retrucou com veemência:

--Pela Argentina não torço! Meu pai foi adido comercial lá... -- depois baixou a cabeça e resmungou sem nenhum cuidado para que eu não ouvisse: "Idiota!" Alguns dias depois, entretanto, acabamos conversando amenidades e o momento político. Foi quando passou a simpatizar comigo: ambos éramos radicalmente contra o governo Collor e acreditávamos que existia socialismo; assim, éramos de esquerda. Comunhão de pensamentos à parte, numa outra oportunidade ela me soltou um outro "idiota". Juro que numa terceira vez eu acabaria por me acostumar.

O nosso grupo tinha o Maurício, um jovem músico recém-formado, também simpatizante do socialismo e que, além de ser um etilista respeitável, um dia me exibiu o dedo inchado e disse que conseguira aquela proeza cheirando cocaína. Como aquilo sucedera eu não me lembro, não sei se por ter sido afetado de esquecimento pós-alcoólico ou se por ele não ter explicado nada simplesmente. Noutra ocasião apareceu com um braço na tala e tipóia, e me contou:

--Foi num condomínio lá da rua Ituverava...

--O que foi que aconteceu? -- perguntei.

--Tinha ido tomar umas cervejas e, no caminho de casa, deu vontade e eu quis dar uma mijada em frente ao condomínio. Apareceu um "gorila branco", que fazia a segurança por lá e disse pra eu não fazer. Eu respondi: "Meu amigo, a rua é pública", e comecei a mijar. O cara me arreventou na porrada: era um gorila, gorila mesmo!



Uma vez convidei a Ângela pra jantar em minha casa, com minha primeira mulher e minhas filhas, que ainda eram pequenas. Foi feita uma peixada, e ela já chegou embriagada e roubando um pedaço de posta do prato de uma das minhas meninas. Depois de as crianças dormirem, propôs que eu a ex-esposa fumássemos maconha no apartamento, junto com ela. Nunca fomos de drogas, não topamos. Passados alguns minutos, a mulher foi ao banheiro, saiu e, de volta para a sala, remexeu-se um pouco e deixou que lhe caísse a bermuda de cadarço, ficando de blusa e calcinha (por sinal um calção). Era uma visão aterrorizante.

Felizmente ela não tardou a se recompor.

Contou que num colégio onde dera aulas dissera:

--Consta que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil...

Motivo pelo qual foi advertida pela diretoria:

--Você não pode dizer isso aos alunos.

Em aula seguinte repetiu a dose. Foi demitida.

Ainda contou -- não sei se mentindo ou dizendo a verdade -- ter na juventude sido mulher do Manfredo Colasanti, de haver passado uma noite inteira com o Lupecínio Rodrigues, de haver morado com alguns artistas bem baderneiros e dividir com eles o repúdio e a antipatia dos vizinhos.

Naquele período entretanto vivia com um mecânico beberrão e brigão, que odiava, à minha exceção, todos os amigos da mulher que moravam no bairro, pelo fato de eles sempre dividirem drogas com ela.

Uma vez um desses amigos, numa roda de cinco ou seis, perguntou se eu toparia um dia dar uns tecos, fazer sexo grupal e exercer atividades bissexuais. Respondi que tinha medo de usar drogas pelo risco de prisão e de ficar dependente e que, quanto à atividade bissexual, embora não me posicionasse contra, não tinha curiosidade nem interesse em praticá-la.

--Se é cético, já é um bom caminho. -- replicou ele com o apoio da Ângela. Lá pelas duas da madrugada, quando este estava em outro bar, sentado com dois outros rapazes, resolvi, já bêbado feito um indigente doidão, fazer uma gozação com ele:

--Olhem, meus amigos, procurem não ir embora pra casa, não, porque depois vou distribuir "brioco" pra todo mundo.

Os dois riram sem entender nada, o que propusera também riu, mas um riso amarelo e extremamente sem graça. Naqueles dias as pessoas tinham vergonha de assumir a homossexualidade. Saí dali e fui perturbar outro.

Havia na Freguesia bares inteligentes. Salvo a Ângela, que tinha exatos cinquenta anos, éramos todos jovens e politicamente embasados como a mulher. Eu era talvez o menos louco. Mas todos tínhamos responsabilidade política e social. Nós versávamos sobre diversos assuntos. Gostávamos de filmes, de músicas de boa qualidade, interessávamos-nos pela história do Brasil e do mundo, pela política nacional e internacional, pelos personagens que marcaram a vida do planeta. Nossa mesa de bar era rica em assuntos.



Não votávamos em ninguém por ser jogador de futebol, galã, palhaço, apresentador de tevê. Tínhamos aversão ao que chamávamos de direita, não achávamos bonito desempregar legiões de pais de família. Não nos passaria pela mente nada parecido com reforma trabalhista, previdenciária ou qualquer outra que servisse de instrumento para agredir quase uma sociedade inteira. Não comíamos estrume pelos olhos e ouvidos, pois não acreditávamos na grande imprensa nem nos formadores de opinião da mídia. Repelíamos com intensidade a tecnocracia, por sua total e absoluta carência de humanismo.

Havia por ali também gente reacionária, mas que a era por ignorância, estupidez, não levada a sério pelos esclarecidos, dentre os últimos o Célio, um "marchand" que, progressista, pregava no deserto suas ideias, ante o silêncio dos imbecis, que não o questionavam por puxassaquismo, já que esse ostentava boa posição social. Uma vez ele disse, com muita propriedade, que "o Brasil é um país bom pra se roubar, não pra se ganhar dinheiro". Os calhordas que não o retorquiam ficavam a ponto de querer me linchar quando eu defendia pensamento igual ao daquele homem. A grande parte deles já deve ter ido para o Inferno. Infelizmente a Ângela e o marido podem não estar mais vivos, e o "marchand" estará, se não morreu, estar pelos setenta e poucos anos.

Dizíamos não, tínhamos convicções firmes, e acho que, assim como eu, todos viram ao longo de todos esses anos os bares tornaram-se pobres de ideias, plenos de alienação e emburrecerem. Vimos a alienação crescer, encorpar-se, o futebol ser a prioridade absoluta de uma nação. Vemos uma sociedade assistir aos desmandos de políticos inescrupulosos sem um protesto sequer, de uma forma lamentavelmente bovina.

Barão da Mata



Festa junina no samba

Vou pular fogueira
 Viva São João
 Mané fogueteiro
 Vai soltar balão.

Essas frases nos remete a letra do Samba Enredo da Mangueira em 1984, quando a escola foi supercampeã na inauguração do Sambódromo.

“Mané Fogueteiro”.
 Era o Deus das crianças
 De Três Corações
 Em dias de festas
 Fazia rodinhas
 Soltava foguetes
 Soltava balões.

E assim a musica Mané Fogueteiro do compositor Braguinha o homenageado no Enredo Yes Nós Temos Braguinha, foi uma das referencias na letra do samba de Jurandir da Mangueira, Hélio Turco, Arroz e Comprido.

E também inspirou a criação do personagem Mané Fogueteiro no setor das festas juninas espalhadas pelo Brasil, dentro do Enredo da Estação Primeira de Mangueira que ainda trouxe um carro alegórico em referencia.

Componentes com roupa caipira, simulando a dança de quadrilha de festas juninas, réplicas de fogos de artifícios e balões..

Um brilho incomparável, um destaque especial neste setor do desfile da verde e rosa.

Mas em muitos e em quase todos os enredos que se tem como tema o Folclore, a dança e os costumes do Nordeste, as festas juninas são citadas por serem a maior manifestação popular no folclore da região.

As festas juninas chegaram aqui no Brasil através de Portugal, embora sua origem não seja portuguesa.

Lá se festejavam os Santos populares, São João, São Pedro e Santo Antônio.

Mas aqui a festa sofreu modificações e as características são de uso de roupas caipiras em alusão ao povo do campestre que habitava principalmente o nordeste.



O ponto alto da festa é a dança das quadrilhas que é uma dança tradicional, num espaço determinado dentro do Arraial montado para a festa.

No nordeste ainda prevalece as músicas da terra, como o Baião, o Xote, o Coco.

Em outras partes do Brasil a festa vem perdendo a característica por conta das músicas hoje impostas como o Funk.

Mas no próprio Nordeste a dança de quadrilha tem sofrido transformações com a criação também de dança de quadrilha de salão onde a apresentação dessas quadrilhas tem como um diferencial o luxo das fantasias e também um

Tema como as escolas de samba, além de alegorias.

Anavan e Anarriê já não estão tão presentes.

Onesio Meirelles



O que é ler?

Será que o homem sabe ler ou apenas emite o eco, o som das palavras em seus lábios?! A leitura é um preparatório para tirar o ser humano de onde está e transportá-lo para um plano que faça parte do que é saber ler, interpretar, compreender o significado das palavras. Ler por ler é como ir a uma festa por ir, é como beijar para apenas tocar os lábios e não para sentir a espessura da carne, é como olhar por olhar para uma pessoa sem reparar se as suas pupilas estão foscas ou brilhosas. Ler é uma interpretação do coração, pelo o que ele sente ao sentir o efeito do alfabeto, das letras, das palavras em sua alma. Ler é belo, mas entender a fala de um livro é uma purificação, é sentir o toque da educação em sua vida. Para ler exige alguém escrever para lermos, sem escritores, autores, leremos aquilo que apenas conseguimos escriturar. A leitura é uma temperatura, um solo que aquece o coração, a mente e o corpo. É um submarino que nos conduz no oceano do escritor que nos permite acesso para conhecer o seu trabalho entre páginas de papéis e rascunhos transformados em exemplares. Ler não é somente valorar quem escriturou com esforço, mas saber que ler é uma terra de ideias, é uma rosa que floresce, é uma bailarina que depois que aprendeu a desvincular os seus giros e torná-los dessemelhantes nunca mais parou de falar com os seus pés. Ler é resenhar, rasurar a ideia do literato e interpretá-la ao seu entender e saber.

Ketely Temper Almela



LANÇAMENTOS

ESTE NOSSO SENHOR, O TEMPO

(novo romance de Kaju Filho)

São do autor do livro: "Uma tarde cinzenta e chuvosa, que resiste bravamente às escaramuças da noite para evitar que a escuridão chegue antes da hora, é a principal testemunha de uma incrível e curiosa corrida de duas criaturas. Enquanto pisam a areia macia, entre vestígios da crescente falta de sensibilidade que assola os seres humanos, instigados por fantásticos seres da natureza e uma estranha voz, ouvida somente por uma das criaturas, se veem em situações formidáveis.



Sentimentos diversos cruzam o sonho e a realidade de ambos corredores. O corredor, após ser socorrido no término da jornada, desperta e, para o próprio espanto, vê que se encontra imobilizado em um leito. Debilitado pelo excesso de tranquilizantes não atina, em algumas situações, para a esfera que o envolve, então, o real e o irreal se confundem em seus delírios.

Guiadas pela incerteza, as lembranças dançam na sua mente a valsa de uma saudade. O bailado aumenta a sua aflição e provoca novas sensações. Mas, estranhamente, a falta de referência sobre o plano de ocorrência da aventura que vivenciara o perturba mais do que a razão do internamento.

Assistido por funcionários que também compreendem o exercício da psiquiatria como um possível elo entre os mundos que nos cercam, encontra um alguém especial que torna a sua estada agradável. Ao deixar as dependências da Clínica Psiquiátrica, acompanhado da Assistente por quem se enamorara, o corredor, com o espírito renovado, inicia um jogo de sedução."

- Contatos com com o escritor Kaju Filho:
 - Página Sarau dos Sambistas (Facebook)
 - E-mail: kajufilho@gmail.com
 - Facebook: José Alves Filho - Kaju Filho



LANÇAMENTOS

PROJETO INCUBADORA DE SONHOS PARA AUTORES DA BAIXADA FLUMINENSE

Em busca de abrir espaço para novos autores no cenário nacional, a Luva Editora lançará o projeto Incubadora de Sonhos, voltado para promoção de autores da Baixada Fluminense, no dia 05 de julho em Nova Iguaçu.

Como pedra fundamental do projeto foram contratados os autores Thiago Kuerques e Jonatan Magella, finalistas da edição 2017 do Prêmio Baixada na categoria Literatura, e parte do valor arrecadado com a venda das obras inéditas será utilizado em um novo ciclo de investimento direcionado para outros novos autores. Portanto, para cada livro vendido, o leitor estará investindo no fomento da produção literária, na publicação na Baixada Fluminense e nos sonhos de diversos escritores.



O evento contará com o lançamento duplo - A Balada do Esquecido (Thiago Kuerques) e Vidas Irrisórias (Jonatan Magella), música ao vivo, performance teatral e acontecerá no dia 05 julho em Nova Iguaçu, no Cultural Bar a partir das 18 h.



Tem alemão no São João

Mas que bom ver nossa praça toda enfeitada com bandeirinhas de papel, balões sanfonados e fitas coloridas. Neste ano elas estão em verde e amarelo. É ano de copa do mundo de futebol.

O capricho com que enfeitaram a praça é de dar orgulho no velho aqui. Na minha opinião diria que o capricho foi poético.

A fogueira já preparada para o grande dia, só vão acendê-la na noite de São João. As barracas enfeitadas e bem cuidadas. Tudo em seu lugar.

E a Dona Isaurinha não se esqueceu de organizar barraca da pescaria.

Ano passado não colocaram. Disseram que ninguém tinha mais interesse na brincadeira ultrapassada. Fiquei triste por isso. Quando me encontrei com Dona Isaurinha na feira não me esqueci de lhe falar o quanto fiquei triste com a ausência da pescaria. "É tradição no subúrbio carioca. Não podemos deixar acabar, não!". Ela me ouviu com calma.

Dona Isaurinha é muito conhecida no Itanhangá. Ela organiza a nossa festa junina há tanto tempo que não ousa dizer, entregaria sua idade, fato que ela tanto esconde. É uma cabocla baixinha, como se dizia antigamente: uma cafuza. Veio do Pará faz tempo, apesar de manter o sotaque, mas é uma carioca da gema com certeza. Uma suburbana que dá gosto. Organiza muita coisa aqui no bairro e adora uma festa de rua.

Além da festa junina ela também organiza o bloco de carnaval "Pinga, mas não molha", um bloco pouquíssimo conhecido pelos foliões suburbanos. O melhor do bloco é que a animação, feita por um rádio-gravador de pilha, é carregada com todo cuidado dentro de um carrinho de compras, desses daí que vemos muito nas feiras. Mas é história pra outro dia.

Ela cumpriu o que tinha me prometido: tá lá a barraca da pescaria. Tô quase descendo só pra pescar um pouquinho. Mas, não vou não, hoje estou cansado. Melhor observar tudo pela minha janela, sentadinho na minha cadeira de rodas.

Olha só, quem tá ali: o Hans.

Hans, mais conhecido no bairro como "alemão", é de fato um alemão, dos nascidos na Alemanha mesmo. Só espero que ele não fique zoando a todos por causa da derrota vergonhosa do Brasil pra seleção alemã na última copa! Acredito que não, diferente do seu feitio.



Nosso amigo não mora aqui no Itanhangá. Ele é de Camorim, mas vem sempre pra essas bandas, diz que gosta de se sentar na nossa praça e do nosso clima.

A primeira vez que vi o alemão por aqui fiquei desconfiado. Faz um tempinho mas me lembro muito bem. Vim à janela ver o movimento das ruas, logo após o café, e o vi sentado num banco de madeira que já foi retirado da praça.

Ele tinha um olhar parado no tempo, no horizonte também. Um olhar sem identidade. Não é que fosse triste, era nostálgico talvez. Não dei muita importância e fui ler um pouco meus jornais (um grande vício que tenho, confesso, leio três jornais diariamente. O pior, separo algumas matérias em pastas plásticas para ler depois de tão boas que achei, minha última mulher ficava doida com isso).

Mas, quando no final da tarde, vi Hans no mesmo lugar e com o mesmo olhar fiquei preocupado. Resolvi descer e ir até ele.

Atravessei a rua com a dificuldade de sempre para um cadeirante carioca e cheguei perto do alemão. Tentei puxar conversa e ele se reservava a poucas palavras. Depois de um tempo percebi que não daria em nada aquela prosa.

- Olha só, amigo. Tenho que ir agora pois uns telefonemas me esperam.

Não esperava sua reação. Hans deu uma gargalhada nervosa e curta. E reservou-se a dizer: "Telefoneamaá me esperrãm... vocês barrasilerras sãm engrarraçadas!"

- Pois é... e vocês "alemãnes" com esses erres todos! Nós achamos muito engraçados também. E tem mais: sou brasileiro e não "brarrasileirra".

Depois da minha péssima imitação rimos muito. Percebi que faria um amigo.

O alemão Hans conversou muito naquela noite e em muitas outras prosas que tivemos desde esse dia.

Ele passou a interagir também com muitos outros moradores do bairro. Fez amizade no boteco mais frequentado, o Bar do Tuninho, bebendo sempre seu Underberg ou Conhaque de Alcatrão de São João da Barra (bebidas amargas era o que mais gostava), e muita cerveja.

Com o tempo, depois de fazer diversas amizades no bairro, o alemão passou a nos contar um pouco da sua história. Uma história muito interessante e de certa forma misteriosa, secreta, envolvendo fatos que muito passaram a atribuir à sua suposta loucura.

Acabou ficando com fama de maluco beleza depois que resolveu jogar conversa fora com todos, principalmente pelo que dizia depois de umas cinco doses de Underberg.

Pretendo contar depois algumas dessas histórias, assim que organizá-las, pois são bastante interessantes e até certo ponto perturbadoras. Falam de uma tal Pedra do Índio, localizada na Amazônia e da construção de uma bomba atômica brasileira, mas é assunto pra outras oportunidades.

Quando Hans compareceu à nossa primeira festa junina, não me falhando a memória isso ocorreu no ano de 1992, percebi o quanto ele estava integrado à nossa comunidade. Outra coisa ficou notória: o alemão adorou nossa festa junina.



Dizem que dançou muito, de um jeito próprio, esquisito e imitando um acordeão imaginário juntamente com o trio nordestino que se apresentou antes da quadrilha.

Viram ainda que incontáveis foram as vezes em que visitou as barracas para comprar salsichão no espeto e batata frita, sempre acompanhado de um copo de cerveja ou Underberg.

Encontraram-no ainda pulando, batendo palmas e cantarolando algo incompreensível junto com a quadrilha, e que ficou tão entusiasmado e aos pulos que tomou um tombo daqueles, gargalhando muito sem se importar com a queda e a lama em sua roupa.

Ele abraçava as pessoas e dizia que estava se sentindo em sua terra natal, Miltenberg, que estava se sentindo numa festa alemã junto com os seus.

Agora vejam só vocês, Hans, o cientista alemão, físico de partículas aposentado, veio se recordar de seu povo e amigos alemães no subúrbio carioca do Itanhangá numa noite de São João... "Rrolhãnu camiô do rroça, Rrolhãnu camiô do rroça!"...

Antero Catan



Méier, um bairro encantador

Méier, você é a minha inspiração
Um bairro encantador que me abraçou por inteiro
Onde o meu samba em versos nasceu
Meu templo de lazer, é o meu aconchego
De seu jardim colho as flores da alegria
Seus poetas do samba te enriquecem de poesia
É na sua bossa de amor, que embalo minha eterna paixão
Que é o meu samba em forma de oração.

É através da arte e da cultura que se vê
Na alma renascer a sede de viver
É nessa corrente de felicidade
Que na realidade seus teatros fazem acontecer
O espetáculo de amor que emociona cada coração
No palco, esperanças, luzes, cores, sons e vibração.
A arte tem o dom de curar e os sonhos florescer
Cultive em sua vida esses momentos de prazer

Méier, manto de luz, tem o poder de acolher
Na delicadeza do seu amanhecer
Na sutileza dessa energia que nos faz feliz
Méier, um bairro amigo. És a nossa raiz.

Elaine Morgado



BLOG DO TIZIU



TORNARDOS E TERRORISTAS BEM
PERTINHO DE MIM NO SUBÚRBIO!

POIS É... Uma pena! Perdoem-me pelo trocadilho. Descobri que os cientistas não consideram mais o vulcão extinto de Nova Iguaçu um vulcão extinto. Explico-me: durante muitos anos vivemos com a ideia de que em Nova Iguaçu houve um dia um vulcão. Que agora se encontraria extinto. Pois é, as últimas pesquisas (para alguns conclusivas) dizem que não podemos chamar de vulcão o morro que se acreditava ter vertido lava no passado. Tem rochas vulcânicas no solo? Sim, elas estão lá! Só que, na verdade, trata-se de uma estrutura geológica que corresponde a "corpos intrusivos subvulcânicos" (deixei o nome para pesquisa do leitor... é que parece até um verso de um poema do grande Augusto dos Anjos, que resolvi deixar assim mesmo). Geólogos dizem que é um raríssimo exemplo de uma estrutura subterrânea exposta na superfície atualmente e internacionalmente. Para os cientistas é até mais importante do que ter havido um vulcão. Sei não! Prefiro ficar com a opinião popular de que havia um vulcão, afinal de contas em Nova Iguaçu já tivemos tornardo e até mesmo um terrorista. É terra cheia de mistérios.

Gosto
muito de
festas juninas.
O xote, quando tocam
esse ritmo suave e envolvente
eu capricho com meu melhor canto.
Nós pássaros sabemos que essa comemoração
é de origem pagã. Eram os deuses da Natureza
e da Fertilidade que eram homenageados nas celebrações.
É coisa lá da Idade Média e eram festas que anunciavam
os solstícios de verão e inverno. Um em junho
e outro em dezembro. No verão indica que a
duração do dia será a mais longa por todo
o ano. No inverno é a duração da
noite que será a maior ao
longo de um ano.
E as festas
se tornaram
além de cristãs:

indígenas,
africanas,
suburbanas:
brasileiras.



- **Informação sobre os áudios da revista**



Verificamos que alguns aparelhos celulares não estão conseguindo abrir os arquivos de áudio que se encontram nas páginas da revista, assim, inserimos esta página para que possam abrir tais arquivos nos aparelhos enquanto nossa equipe técnica estuda o motivo do ocorrido para correção nas próximas edições. Agradecemos.

- Depoimento de Maurício Pereira no FOI UM SAMBA QUE PASSOU EM MINHA VIDA:

<https://soundcloud.com/sarau-suburbio/depoimento-de-mauricio-pereira>

- INTRODUZVIDEOSOM do escritor Pazuzu no texto TEMPOSIÇÃO DAS ALMAS ÍNCUBAS - PARTE 2:

https://www.youtube.com/watch?v=DEIrBH_YP3I

- NOITE DE SÃO JOÃO do texto de Marcelo Bizar:

Áudio:

<https://soundcloud.com/sarau-suburbio/noite-de-sao-joao>

Vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=SA0ASSswyUY>